

## 05

**MERLIM, DE ROBERT DE BORON,  
E O TEXTO RELIGIOSO**

Mariany Camilo Nabarrete (UEM)

Fábio Lucas Pierini (UEM)

*Recebido em 23 set 2018.**Aprovado em 15 fev 2019.*

**Mariany Camilo Nabarrete** é Acadêmica do programa de Pós-graduação em Letras, na Área de concentração em Literatura, pela Universidade Estadual de Maringá, linha de pesquisa em literatura e historicidade, nos estudos da Literatura Fantástica.

**Fábio Lucas Pierini** é Doutor em Estudos linguísticos, literários e tradutológicos pela FFLCH-USP com pós-doutorado em Estudos Literários pela Unesp FCL/CAR. Professor na UEM (Maringá-PR), atuando nos cursos de Secretariado Executivo Trilíngue e Letras na área de Língua e Literatura Francesas, leciona e orienta a respeito de narrativa fantástica no Programa de Pós-Graduação em Letras e no Programa de Iniciação Científica. Participa do CT Anpoll Vertentes do Insólito Ficcional e do Grupo CNPq Estudos de Literatura e cultura da Belle Époque: LABELLE.

**Resumo:** Este artigo pretende identificar o processo de cristianização do personagem protagonista da obra medieval *Merlim*, além de averiguar como e porque o autor, Robert de Boron, utiliza a intertextualidade, mais especificamente a estilização, para criar sua narrativa. As obras medievais, segundo estudiosos, possuem um caráter formador, foram criadas com o

intuito de adequar uma população a um determinado regime político e religioso, logo, um estudo sobre o personagem Merlim descrito por Robert de Boron se faz importante para que se possa compreender a necessidade da literatura na Idade Média, bem como para desvendar uma razão que justifique a presença do personagem em obras posteriores. Para tanto, a análise do livro *Merlim*, de Robert de Boron, pauta-se nas teorias de intertextualidade e hipertextualidade de Gérard Genette (2010), assim como na teoria de paródia, paráfrase e intertextualidade defendida por Affonso Sant'Anna (2003). Com isso, nota-se que a modificação do personagem medieval, realizada por Boron por meio da intertextualidade, é regida pela intencionalidade do autor em catequizar povos pagãos, afinal, ao recriar um personagem da cultura Celta com características cristãs, próximas às de Jesus Cristo, o autor conduz os povos para longe do pecado, como exortado pela Igreja na época.

**Palavras-chave:** Merlim; Estilização; Intertextualidade; Literatura francesa.

**Résumé:** Cet article a l'objectif d'identifier le processus de la christianisation du personnage médiéval Merlin, en plus il a l'objectif de découvrir comment l'auteur Robert de Boron se sert de l'intertextualité, plus spécifiquement de la stylisation pour créer son récit. Selon les spécialistes les œuvres médiévales possèdent un caractère d'apprentissage, elles ont été créées avec l'intention d'adapter une population à un certain régime politique et religieux, donc il y a la besoin d'étudier le personnage Merlin décrit par Robert de Boron, pour que l'on puisse comprendre les caractéristiques de la littérature du Moyen Âge, aussi bien que pour démasquer la présence du personnage dans les œuvres qui ont été écrites antérieurement. Ainsi, l'analyse du livre Merlin de Robert de Boron sera-t-elle examinée d'après les théories d'intertextualité et hypertextualité développées par Gérard Genette (2010), aussi bien que les concepts de parodie,

de paraphrase et d'intertextualité chez Affonso Sant'Anna (2003). Avec ces théories on observe que la modification du personnage médiéval créé par Boron est dirigée par l'intention de l'auteur d'instruire les païens en créant un personnage celtique avec des caractéristiques chrétiennes, près de celles de Jésus Christ, afin de éloigner les gens du péché pèche, selon les principes dictés par l'Église à ce moment-là.

**Mots-clé:** Merlin; Stylisation; Intertextualité; Littérature française.

## INTRODUÇÃO

Merlim, também conhecido pelo nome de Myrddin, é um personagem mítico da cultura Celta. Um druida por vezes descrito como louco, profeta ou selvagem, que se torna o protetor do Rei Artur na lenda do ciclo arturiano. Por séculos, o personagem rondou as lendas orais e as obras escritas, apesar de muitas passagens com histórias e características do personagem terem sido perdidas, modificadas, destruídas e até mesmo censuradas durante mais de mil anos, as alterações realizadas nas histórias do profeta não mudaram o senso comum de que Merlim pode ter sido fruto de um personagem histórico da Idade Média.

No processo literário deste período, as histórias relacionavam-se, em grande medida, com histórias bíblicas e/ou com os clássicos, da mesma forma, a lenda de Merlim também recebeu essas influências, logo, sua relação, em alguns textos pequena, em outras maiores como em Boron, com os textos bíblicos fizeram com que sua literatura tomasse o seu lugar no cenário mundial.

Na sociedade medieval, os documentos escritos estiveram sob responsabilidade da Igreja, pois eles eram replicados pelo trabalho

dos copistas, monges retidos nos interiores de seus mosteiros. As histórias, neste momento, deixaram de ser orais e passaram a ser fixadas em papéis para que os responsáveis pelas transmissões das histórias não as alterassem. Contudo, as lendas orais registradas passavam pelo crivo de seus copistas e da Igreja, sendo, por vezes, cortadas, modificadas e até mesmo suprimidas da história. Aos poucos, a instituição religiosa deixou de influenciar diretamente na produção literária e os temas passaram de hagiografias e de livros de linhagens para relatos de fatos históricos e novelas de cavalaria.

Algumas modificações realizadas durante os séculos fizeram com que o personagem histórico se tornasse diferente do ficcional, tornando-o mais próximo aos costumes da sociedade leitora. Dentre as alterações realizadas na história do personagem, aventuras, romances e magia foram acrescentadas nos textos. Por isso, o Merlim histórico passou a ser ficcional, personificando os grandes magos da época: um vidente, um profeta inspirado, um astrólogo, um alquimista, um especialista em magia natural e um adepto a cosmologia. Entretanto, diferentemente dos grandes magos encontrados nos textos bíblicos, Merlim tinha a vantagem de não precisar convocar demônios para realizar sua mágica, isto pois, segundo Boron, além de ser cristão, ele era filho do próprio diabo.

Uma ligação clara entre a personagem histórica de Merlin e as lendas que gravitam ao seu redor é quase inexistente, por isso, podemos admitir pouco sobre a ligação entre Merlim histórico e o ficcional. Como já mencionado, a história do personagem sobreviveu durante anos pela tradição oral, essa que era modificada, alterada e incrementada de acordo com a necessidade do orador, ao passarem

para o registro escrito ela se tornou mais rígida e restrita, mas ainda assim mantendo as modificações realizadas até o momento.

Muitos escritos foram perdidos por completo ou mesmo tiveram algumas de suas partes perdidas, o que fez com que não tenhamos acesso ao texto na íntegra. Após séculos de existência, as histórias viraram lendas permeadas por referências aos antigos costumes e ao advento da religião Católica. Dessa maneira, em toda a narrativa de Boron, Merlim passa a ser relacionado aos seus poderes, haja vista que a todo momento o protagonista lembra ao leitor e aos que estão à sua volta sobre sua capacidade de conhecer o passado e o futuro, dom (ou poder) justificado tanto por seu pai demoníaco, quanto pela fé e devoção de sua mãe a Deus. Boron também muda a denominação de Merlim de mago para profeta ou adivinho, aproximando-o à Igreja e à religiosidade e o afastando da magia.

Nesse sentido, para a pesquisadora Lawrence-Mathers (2012), o Merlim histórico não foi muito além de uma figura do folclore ou da criação de uma tradição popular, ele representa a vanguarda da ciência medieval e seus poderes eram convincentemente reais para as pessoas da época, ou seja, os artifícios e as profecias de Merlim, que parecem tão fantásticas, se não absurdas para um público moderno, foram levadas a sério pela sociedade medieval.

Ainda segundo a pesquisadora, o Merlim profeta e mago torna-se convincente como uma figura histórica, assim como o seu poder, advindo de sua habilidade de conhecer e ler os astros, essa legitimidade faz com que ele seja comparado em vários momentos com os profetas bíblicos.

Merlim causou um grande impacto na Europa Medieval. Como uma figura histórica, ele reuniu elementos que têm como tema-chave a magia e a política. Seus poderes, assim como sua existência, permaneceram por séculos. Além disso, a personagem de Boron foi aceita como real e existente por explicar e exemplificar as magias praticadas até o seu surgimento, isto é, no decorrer da história manteve-se o esclarecimento das práticas comuns da época.

Apesar da maneira como sua narrativa foi disseminada por anos, ou seja, sob a influência tanto da Igreja quanto da política, o personagem manteve sua imagem ligada ao povo e à cultura da época. Segundo Ardrey (2010), essa relação se comprova devido às dificuldades que os autores e pesquisadores enfrentaram ao escreverem sobre Merlim, afinal não encontravam uma versão autorizada e histórica que fosse verdadeira, mesmo que modificada.

Nas buscas realizadas pelos historiadores, afirma Ardrey (2010), percebe-se que a mais antiga menção do nome Merlim vem do galês. Porém, acredita-se ainda que o personagem histórico que inspirou a criação do mago auxiliar tenha sido Myrddin Wyllt, especula-se também que ele seja uma fusão entre um personagem lendário celta e um chefe de um clã supostamente chamado de Myrddin. Além disso, segundo lendas celtas, o Merlim histórico teria sido uma divindade druida ligada a rituais sazonais, o que motivou de certa forma a imagem de um homem selvagem, astrólogo, adivinho e mago.

O personagem ficcional, por sua vez, foi modificado, principalmente, em relação à sua origem. A real história pode ter sido subjugada pelas informações que o governo ou a igreja, poderes

que se misturavam na Idade Média, mandavam ou permitiam. Exemplo disso é o que Lawrence-Mathers (2012) salienta, haja vista que, para a autora, o fato de Merlim ter uma mãe solteira era um problema para as reservas morais, sendo amplamente debatido por teólogos que se preocupavam com a recepção da sociedade, essa preocupação fez com que a história fosse abrandada e que concepção fora do matrimônio não fosse tido como uma escolha. Ainda assim, o poder de patronos e cortesãos ligados a Merlim fez com que a sua magia, as suas palavras, assim como a sua história se espalhassem rapidamente entre os historiadores monásticos.

Mesmo tendo sua origem modificada nos registros históricos e literários, a imagem de Merlim ligada ao poder sobrenatural não prejudicou a história e a reputação da Europa na Idade Média. De acordo com Lawrence-Mathers (2012), os leitores medievais consideravam alguns pontos da história de Merlim real, como a sua origem escandalosa, sendo fruto da sedução de uma mulher inocente e pertencente à realeza por um íncubo, para abrandar em alguma medida a promiscuidade encontrada na sociedade da época. Outro ponto defendido pela pesquisadora como real para os leitores foi a caça de Merlim quando criança, ato exigido como sacrifício de sangue por uma corte de sábios que temiam por suas vidas.

As magias realizadas pela personagem ficcional, em alguns momentos, são neutras, sem relação com a moralidade vigente na época. Segundo estudiosos, essa neutralidade se dava, provavelmente, graças à ambiguidade relacionada à dualidade moral dos aristocratas medievais, os quais eram, de maneira concomitante, cavaleiros, cavalheirescos e assassinos implacáveis.

Ademais, a magia não era tão questionada pelos religiosos, já que Merlim era considerado um cristão logo após sua cristianização. Ele, diferentemente de outros personagens descritos em livros históricos e na Bíblia, recusou a aceitar uma posição oficial de consolador real ou conselheiro político, pois preferia viver longe da corte e em locais silenciosos.

Estudiosos da Idade Média defendem que Merlim foi um cristão, que defendeu seus dons e sua fé, nunca os relacionando ao dinheiro ou favores. Ainda sobre as magias, Lawrence-Mathers (2012) esclarece que elas foram resgatadas dos antigos para uma nova estrutura cristã, justificando a magia pelos atos divinos, transformando o personagem no responsável por esse resgate.

Ao longo da Idade Média, a magia não era algo estranho, era, em alguns casos, considerada real, assim como a existência de demônios. Por século, na Idade Média, a magia era realizada por intermédio de demônios, motivando uma maior hostilidade em relação ao cristianismo, fazendo com que a presença das bruxas fosse tida como ameaçadora para a religião. Como toda e qualquer menção de bruxaria de modo positivo não era tida como normal, supõe-se uma facilidade maior em encontrar resquícios de relatos do Merlim profeta na Idade Média, já que ao ser denominado como tal ele não estaria diretamente ligado à bruxaria, mas sim ao demônio e ao maligno.

Boron foi o primeiro a apresentar a história do mago em prosa, assim como a história de Artur, seus cavaleiros e do santo Graal. O então mago surge com a tarefa de aconselhar os reis e, como um excêntrico profeta auxiliado por Deus, faz revelações sobre o Graal

e a Távola Redonda, sempre com o intuito de salvar a Grã-Bretanha por meio de um rei cristão. A história em prosa fez com que a obra pudesse ser lida mais facilmente, ultrapassando as barreiras das fronteiras britânicas, para se tornar um trunfo cristão na cultura francesa. Com isso, suas características sobrenaturais uniram o mundo cívico com o mundo histórico.

Outro ponto importante na obra escrita por Boron é o uso de Blaise, ou seja, o uso de um narrador que ao mesmo tempo passa a ser um observador, uma testemunha e uma prova viva de todas as proezas de Merlim, esse narrador aproximou o mago do leitor, deixando o texto mais crível e o sobrenatural mais mágico. Essa aproximação com o leitor, em grande medida, possibilita a manutenção e a propagação da lenda, mantendo esse personagem vivo no imaginário do leitor.

Após o século XX, este personagem medieval torna-se ainda mais conhecido pelas séries televisivas e pelos filmes, mas sempre retomado como imagem de um mentor ou de um mestre do rei Artur, além de ser também inspiração para outros magos da cultura popular, como aqueles criados por J. R. R. Tolkien e por J. K. Rowling. Mesmo muito conhecido no meio da cultura popular, o Merlim medieval ainda é nebuloso para os leitores. Pensando nisso, busca-se apresentar o processo de cristianização ocorrido na obra de Boron.

Para tanto, discutiremos a construção da imagem do personagem na obra escrita no século XIII, com vista nas relações de intertextualidade com a Bíblia encontradas no texto, para em seguida justificarmos, de certa forma, o objetivo do autor em

reescrever a história de um personagem já muito conhecido na Idade Média, modificando-o para agradar tanto os patronos quanto os leitores.

## RELIGIÃO: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE *MERLIM*

O livro *Merlim*, escrito por Robert de Boron, no século XIII, é uma obra publicada em uma época na qual a literatura era permeada de mitologias. Isso se dava por diversas razões, uma delas, já mencionada anteriormente, era o poder exercido pela igreja católica, poder político e econômico que influenciava na criação artística.

Boron (1993) declara que o seu personagem misterioso atuou na Inglaterra em um momento em que o cristianismo havia acabado de se instalar, por isso a região ainda não tinha tido nenhum rei cristão. No entanto, mesmo Merlim sendo de uma época não cristã, sua lenda advém de outras crenças. Segundo Adam Ardrey, algumas das fábulas sobre o mago “foram elaboradas para se adequar às exigências dos regimes políticos e religiosos prevaletentes e adaptadas para se ajustar ao público” (ARDREY, 2010, p.15).

A obra de Robert de Boron se inicia com um concelho realizado pelos demônios, que descontentes com as obras de Cristo, planejam criar um representante para corromper a humanidade. Ao nascer, Merlim frustra os planos demoníacos quando sua mãe, por ser temente a Deus, o batiza. Dessa forma, a criança nasceu com o dom de conhecer o passado, recebido por herança de seu progenitor, e com o dom de prever o futuro, presente de Deus ao ser batizado.

Sua história continua com demonstrações dos seus incríveis poderes proféticos, começando ao salvar sua mãe do julgamento,

para, então, aos sete anos aconselhar o rei usurpador Vortigerne sobre a fundação de sua torre. Seu aconselhamento aos reis continuou ao ajudar o rei Pendragão e seu irmão Uter em suas batalhas. No momento seguinte da obra, Merlim interfere diretamente na concepção e na criação do que será o rei Artur, assim como no seu encontro com a espada repousada na pedra, essa que o legitima como o rei supremo da Grã-Bretanha.

As histórias narradas na Idade Média faziam parte do universo mágico e eram usadas para compensar as dificuldades da vida real. Devido a outra forte característica da época, a religião, os elementos religiosos encontrados na obra de Boron nos permitem traçar os dogmas da época. Nesse sentido, Pereira (2001-2002) explica a presença marcante das expressões bíblicas na literatura. Para ele,

Utilizar expressões bíblicas para narrar outros acontecimentos era mais do que um ornamento literário, consistia em transladar para ele o sentido profundo que tinha na Sagrada Escritura, não só em termos profundos que tinham na Sagrada Escritura, não só em termos comparativos, mas também para os inscrever no mesmo significado das narrações bíblicas, ou seja, atribuía um caráter sagrado ao texto e às memórias que ele perpetua, integrava a história profana na história da salvação. (p.320)

A marca da religião católica pode parecer normal em uma primeira leitura do texto, principalmente ao se considerar a época em que ela foi escrita, porém, se pensarmos nos personagens e nas lendas envolvidas, a presença católica se torna um ponto de estranhamento, pois tanto Merlim quanto a lenda de Artur e o santo Graal são mais antigos e advindos de outras religiões e culturas,

haja vista que o personagem principal da obra de Boron (1993) foi um personagem druida muito importante para a cultura celta.

De acordo com Ardrey (2010), os costumes druidas eram intoleráveis para a Igreja, por essa razão, os registros escritos, que se tornaram mais comuns com o passar dos séculos, eram usados para refletir os preceitos religiosos, para isso, a Igreja ditava o que e como deveriam ser registradas as histórias. Dessa maneira, o estranhamento provocado por uma leitura mais minuciosa da obra, quando examinamos o tema escolhido pelo autor, assim como os personagens, pode ser justificado, já que, ainda segundo Ardrey (2010), todos os registros de outras culturas eram cuidadosamente ordenados pela Igreja católica para que seus preceitos não fossem questionados.

Assim disseram e decidiram que gerariam um homem que enganaria os outros. São loucos demais, porque imaginam que Nosso Senhor, que tudo sabe, ignore suas obras. O diabo então decidiu fazer um homem que tivesse a sua memória e a sua inteligência para enganar Jesus Cristo. Deste modo podeis saber o quanto é louco o diabo, e muito devemos temer, porque tão louca cousa nos engana. (BORON, 1993, p.23-24)

Borges (2011), em seu artigo *O Maravilhoso Cristão em A Canção de Rolando*, também fala sobre a literatura dessa época. Para a autora, a cultura, assim como as obras religiosas, eram de poder da Igreja, “As hagiografias, as crônicas, as canções de gesta, assim como as demais criações passavam pela concepção das Sagradas Escrituras” (p.2).

Essa influência se dava também pelos textos serem escritos, isto é, pelos motivos que justificavam tal criação literária, como melhorar

os costumes, servindo como modelo de vida e desenvolvendo maneiras e morais para que os leitores fizessem o bem e evitassem o mal, o que Bogdanow (1994) salienta em *O Graal, Artur e Merlim segundo Robert de Boron*:

Para os escritores medievais, como já para os padres da Igreja, a história era [...] ‘uma ciência moral, que se estudava para melhorar os costumes’. Como São Gregório observou em *Moralia*, [...] ‘a vida dos predecessores serve de modelo aos sucessores’, ou como William de Malmesbury observa em seu *Gesta Regum*: ‘[...] a história em particular, que, através do conhecimento agradável dos feitos, desenvolve maneiras e moral e, através de exemplos, incita o leitor a fazer o bem e evitar o mal’. (p.180)

A produção literária era, antes de tudo, textos produzidos para que fossem usados para ensinar, mostrar ao leitor o bom caminho, para, de certa forma, catequizar aqueles que tinham acesso às produções literárias da época. Não poderia ser diferente com a obra de Boron (1993), visto que o mago Merlim, em toda a literatura do ciclo Arturiano, tinha como sua principal função auxiliar e aconselhar o povo, os reis, os cavaleiros e até mesmo a Igreja. Apesar de não ser um cavaleiro, ele é responsável por determinar guerras, estabelecer a paz e a justiça, regulamentar e ordenar os cavaleiros.

A história contada por Robert de Boron no século XIII começa no inferno com uma reunião dos diabos irritados, querendo recuperar o poder, para tanto, eles chegam a uma decisão de pôr sobre a terra alguém capaz de desviar os homens do bom caminho, escolhem uma virgem para gerar essa criança, mas eles não esperavam que ela fosse temente a Deus e que batizaria a criança. Por parte do seu

pai, um demônio, Merlim recebeu o dom de conhecer o passado, mas, por ter uma mãe temente à Deus, ele recebeu o poder de prever o que ainda vai acontecer.

Contudo, além das menções claras da história católica apresentada na Bíblia, como Deus e demônios, perguntamo-nos: o que mais a obra de Boron (1993) apresenta sobre as práticas dessa religião? Por que isso acontece? Essas questões conduzem o presente artigo, a fim de evidenciar, por meio da convergência e da divergência entre o texto fonte, no caso a Bíblia, e o texto do Boron (1993), o processo de cristianização do personagem.

Para tanto, traçaremos uma fundamentação teórica sobre intertextualidade, para justificar a aproximação dos textos como uma maneira de legitimar o personagem a partir de uma breve análise do texto *Merlim*, de Robert de Boron, publicado em português, em 1993, o qual foi traduzido diretamente do francês antigo.

## INTERTEXTUALIDADE NOS TEXTOS LITERÁRIOS

A intertextualidade é estudada a partir de duas perspectivas, a Linguística Textual e a Teoria Literária. Em relação ao texto literário, que tem uma maior importância para este artigo, a intertextualidade sempre se fez presente e foi muito debatida por diversos teóricos, isto, pois o escritor sempre recorre a outras obras para escrever suas “criações”. De acordo com Leyla Perrone-Moisés (1978), estudiosa da teoria literária,

Em todos os tempos, o texto literário surgiu relacionado com outros textos anteriores ou contemporâneos, a literatura sempre nasceu da e na literatura. Basta lembrar as relações temáticas e formais de inúmeras grandes obras

do passado com a Bíblia, com os textos greco-  
latinos, com as obras literárias imediatamente  
anteriores, que lhes serviam de modelo  
estrutural e de fonte de ‘citações’, personagens  
e situações [...]. (1978, p.59)

Ainda sobre a intertextualidade, Berveglieri (2016, p.34) afirma que: “só é possível apreender o sentido e a estrutura de uma obra literária se a relacionar com seus arquetípicos, que são, por sua vez, abstraídos de longas séries de textos”. Um outro teórico muito importante para os estudos da intertextualidade na literatura é Genette (2010), autor que define, em seu livro *Palimpsestos* (2010), cinco tipos de *transtextualidades*.

Essas categorias servem para referenciar a relação que um texto mantém com outro, sendo elas a *intertextualidade*, quando há uma presença real de um texto em outro, algo como uma citação; a *paratextualidade*, que é concernente aos paratextos que circulam entre os textos, uma menção de um texto em outro; a terceira categoria apresentada pelo autor, a *metatextualidade*, ocorre quando há uma crítica ou um comentário; a *arquitextualidade* diz respeito ao gênero textual em que esses textos se relacionam; o último tipo é a *hipertextualidade*, a qual, para o autor, é toda a relação que une um texto ao outro, “ou texto derivado de outro texto preexistente. Esta derivação pode ser de ordem descritiva e intelectual, em que um metatexto [...] fala de um texto” (GENETTE, 2010, p.18).

Em relação à *hipertextualidade*, Genette (2010) declara ser possível haver dois tipos de procedimentos, ambos relacionados à imitação: a imitação da forma e a imitação do tema, a imitação se caracteriza “[...] pela brevidade, pela afirmação peremptória e pela

metaforicidade; depois, que exprima dessa maneira (nesse estilo) uma outra opinião, corrente ou não [...]” (2010, p.20).

O ato de imitar, para Genette (2010), acontece de diversas maneiras, assim como acontece com a paródia, que pode se manifestar de três maneiras: pela aplicação de um texto a um outro tema, pela transposição de um texto para outro estilo e pela aplicação de um estilo a um outro tema. O autor configura esses tipos de paródia a partir do desvio que o parodista realiza do texto primário, sendo que,

No primeiro caso, o “parodista” desvia um texto do seu propósito, modificando-o apenas o quanto for necessário; no segundo, ele o transpõe integralmente para um outro estilo, deixando seu propósito tão intacto quanto esta transformação estilística permita; no terceiro, ele toma emprestado o estilo do texto para compor neste estilo um outro texto, com um outro propósito, preferencialmente antitético (2010, p.29).

Ainda sobre a paródia, Genette (2010, p.39) (re)batiza o termo como um “desvio de texto pela transformação”. Dessa forma, as imitações e as transformações são norteadas por esse desvio, quando em ambos os textos existem modificações em suas estruturas.

Um outro teórico que trata a paródia a partir do desvio do texto é Sant’Anna (2003). Para ele, na paródia os dois textos “devem ser necessariamente discordantes, deslocados”, como ocorre na estilização, a qual se aproxima da paródia, haja vista que “uma e outra vivem de uma vida dupla: além da obra há um segundo plano estilizado ou parodiado” (2003, p.13).

Essa aproximação ou esse afastamento entre os textos só se realiza a partir da leitura, ou seja, o receptor é responsável por

identificar a proximidade entre os textos, isto pois a estilização, a paráfrase e a paródia “[...] são recursos percebidos por um leitor mais informado. É preciso um repertório ou memória cultural e literária para decodificar os textos superpostos” (SANT’ANNA, 2003, p.26).

O autor também debate sobre os efeitos da intertextualidade nos textos linguísticos e literários. Para ele, a intertextualidade se organiza em torno do eixo parafrásico e do eixo paródístico, tendo visto que a paráfrase e a paródia “[...] se tocam num efeito de intertextualidade, que tem a estilização como ponto de contato. Falar de paródia é falar de *intertextualidade das diferenças*. Falar de paráfrase é falar de *intertextualidade das semelhanças*” (SANT’ANNA, 2003, p.28, grifos do autor).

Ainda nesse viés, segundo Röhrig (2012, p. 14-15),

a paráfrase não subverte o texto original, mantendo o sentido exatamente igual ao parafraseado, podendo-se identificar a fonte sem quaisquer dificuldades, na estilização ocorre um sutil deslocamento de sentido, mas que não corrompe o sentido global do discurso original ainda na direção do reforço, como na paráfrase. No entanto, a paródia deturpa os sentidos, corrompe o texto-base, promovendo um atrito significativo com as teses do discurso parodiado.

A autora conclui que “a paráfrase é um desvio mínimo, a estilização [...] constitui-se em um desvio tolerável e a paródia concretizaria um desvio total do sentido original de determinado texto” (RÖHRIG, 2012, p.15). Quanto ao distanciamento em relação ao texto fonte, Beverglieri (2016) salienta que

quanto maior o distanciamento da voz do autor do texto-fonte maior será a desqualificação desse texto, tendo como exemplo a 'citação negativa', a paródia; quanto maior for a aproximação, maior será a autorização da voz do autor do texto-fonte, tendo-se a paráfrase, a 'citação positiva', por exemplo. Essa relação, então, ocorre desde uma maior aproximação até um maior distanciamento, promovendo, nesse processo, fenômenos como a citação positiva, a paráfrase, o pastiche, ironia, paródia até uma citação negativa (p.49).

Para realizarmos uma análise do texto de Boron (1993), tem-se também o modelo criado por Sant'Anna (2003), porém ele acredita não ser possível empregá-lo em todos os objetos. Entretanto, considerando as complexidades que envolvem o tema, procuramos evidenciar a convergência e a divergência entre o texto fonte e o novo texto produzido.

Consideramos, para isso, que o sentimento de reconhecimento da obra é produzido pelas referências trazidas pelo autor, as quais podem ser de temas, eventos, personagens e até mesmo de cultura. Graças a esses pontos convergentes e divergentes, para o leitor que entra em contato com uma obra com intertextualidades, como *Merlim* (1993), é inevitável que ocorra um processo de reconhecimento, afinal é um processo dialógico no qual se compara as duas obras, a conhecida e a que se está lendo (HUTCHEON, 2011).

## **PONTOS CONVERGENTES E DIVERGENTES ENTRE *MERLIM* E A BÍBLIA**

O livro estudado, *Merlim* (1993), faz parte das obras em prosa do autor que reconta a história do Graal. Como outros autores da época, Boron era responsável por transmitir pelas suas histórias a

moral da época, o pensamento dominante e a cultura presente. Bogdanow (1994), em seu artigo, explica que a inspiração de Boron é dada a partir de duas vertentes. De acordo com a autora, uma parte da história é baseada em escritos anteriores, enquanto a segunda é dada pela Bíblia, pois Robert de Boron reescreve as antigas histórias para adaptar-se ao ensino religioso e aos temas cristãos (BOGDANOW, 1994).

Como mencionado anteriormente, Merlim é um personagem com origens mitológicas e ligado à magia, ambas características não seriam bem aceitas pelos leitores de Boron ou não seriam eficazes para os fins que o autor procurava alcançar com sua obra. Logo, iniciar a história da concepção do mago pagão relacionando-o ao início das histórias bíblicas aproximar-lhe-ia dos leitores religiosos.

No primeiro capítulo do livro, Robert de Boron justifica a criação de Merlim. Os demônios estão em cólera por terem perdido Adão e Eva do inferno, um deles diz: “Lembra-vos do que diziam os profetas que anunciavam que o Filho de Deus viria à terra para apagar o pecado de Adão e Eva e de seus descendentes” (BORON, 1993, p.21). Tendo isso em mente, em *I Coríntios* temos: “Pois, assim como todos morrem em Adão, em Cristo todos receberão a vida” (BÍBLIA, I Coríntios 15:21).

As duas passagens citadas fazem referência a mesma história, possuem um ponto de contato, a salvação dos homens por Jesus Cristo, ou seja, segundo a teoria de Röhrig (2012), ocorre um desvio mínimo já que a mesma história está sendo contada, a história da salvação, porém em obras contrárias, uma bíblica e outra literária.

Em um segundo momento, o ponto de contato e o desvio são um pouco maiores. Os demônios decidem criar um homem para servir-lhes, para isso, fecundando uma mulher para que a criança fosse gerada. Após o ato da fecundação, a donzela acorda com medo do que lhe aconteceu e rapidamente procura seu ermitão para confessar-lhe: “E do modo que me deitei inteiramente vestida, adormeci. Ao acordar, tomei conta de que estava desonrada e deflorada” (BORON, 1993, p.34). Uma virgem foi engravidada por um espírito enquanto dormia, o que retoma e se aproxima da história de uma outra virgem para relacionar Merlim a uma outra criança responsável por grandes feitos. Para melhor visualização, no livro de Isaías, assim como no evangelho de Lucas, temos:

Eis que a jovem [a tradução grega traz ‘a virgem’] concebeu e dará à luz um filho e pôr-lhe-à o nome de Emanuel (BÍBLIA, Isaías, 7:14).

O Espírito Santo cairá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra, por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus. (BÍBLIA, Lucas, 1:25)

Nesse caso, o desvio é maior, pois, na história bíblica Maria foi fecundada, só que em nenhum momento afirma-se que ela deixou de ser virgem, que se tornou impura, diferentemente da mãe de Merlim, que foi deflorada e, mesmo pedindo perdão, tornou-se impura.

Esse grande desvio faz com que tenhamos uma paródia da criação de Cristo. Podemos supor diversas razões para esse distanciamento, um dos mais claros seria para mostrar em quais lados localizam-se as duas crianças, demarcando os opostos em que estão na história. Confirmando o que Sant’Anna explica sobre a

caracterização da paródia, isto é, “a dessacralização, o desrespeito à obra do outro” (2003, p.46).

Boron procurou cristianizar o protagonista de sua obra da forma mais eficaz possível, comparando-o com o herói católico, deixando-o próximo da figura cristã para que houvesse uma identificação entre sua obra e o religioso, sem deixar de estar no mesmo nível de sagrado. Além disso, o autor não usa somente trechos bíblicos para produzir o seu texto, por exemplo, quando a mãe de Merlim descobre sua gravidez e conversa com o ermitão, encontramos também menção a oração do Credo Apostólico,

- Crês no Pai, no Filho e no Espírito Santo? Crês que essas três pessoas fazem um só Deus? Crês que Nosso Senhor veio à terra para salvar todos os pecadores que acreditarem no poder do batismo e dos outros sacramentos da Santa Madre Igreja e obedecem aos ministros que ele deixou na terra para ensinar e acreditar no seu nome? (BORON, 1993, p.30-31)

O desvio referente ao Credo é médio, até porque tanto na oração quanto no trecho citado temos questões que conduzem a fé católica, que salientam a importância de tal crença e principalmente dessa oração que é utilizada nas consagrações, batismo e crisma. Seguindo esse sentido, Casanova e Stam (1998) expõem a falta de conhecimento quanto ao surgimento da oração do Credo, sabe-se que é anterior ao século II e que foi criada para que a fé dos novos cristãos fosse declarada, pois a expansão missionária e a heresia fizeram com que a Igreja estivesse em constante contato com diversas culturas e filosofias pagãs.

Nesse momento, notamos novamente a intenção de Boron em aproximar sua obra do ensino religiosos e da redenção. Com

o uso de tal declaração, a criança torna-se pura, assim como sua mãe, orientando seus leitores de que a redenção pode acontecer a partir de uma oração e declaração de sua fé cristã. O desvio é tolerável, sendo “[...] o máximo de inovação que um texto poderia admitir sem que se lhe subverta, perverta ou inverta o sentido” (SANT’ANNA, 2003, p.39). Com isso, Boron utiliza a religião em seu texto para difundir os ideais católicos, mostrar o caminho da salvação e abrandar as atitudes julgadas como pecadoras e erradas pela Igreja Católica.

Assim como Jesus, Merlim foi caçado para ser morto e, também como o Salvador Cristão, entregou-se sem lutar, “- Senhores, eu sou quem buscais, aquele a quem jurastes matar [...]” (BORON, 1993, p.67). No evangelho de João, é exortado que, estando no jardim ao ser encontrado, Jesus adiantou-se e disse: “Se, então, é a mim que procurais, deixai que estes se retirem [...]” (BÍBLIA, João, 18:8). O desvio nesse momento se torna pequeno, haja vista que “a paráfrase reafirma os ingredientes do texto primeiro conformando seu sentido” (SANT’ANNA, 2003, p.41).

Em um outro momento, Boron também utilizou o dom de Jesus de se manifestar “de outra forma” (BÍBLIA, Marcos 16:12). Merlim em vários momentos se aproveita do poder de transformar a sua imagem, como vemos no momento em que fala com Uter, “- Merlim - disse Pendragão maravilhado-, sob que aparência falastes com meu irmão? Estou admirado que ele tenha acreditado no que dissestes. - Eu tinha assumido a aparência de um velho de cabelos brancos” (BORON, 1993, p.95).

Além disso, em vários momentos a Bíblia evidencia os poderes de Jesus. Quando há a necessidade de testar a fé de algum discípulo

ou de seus seguidores, Cristo toma outras formas, assim como Merlim faz para verificar se os reis realmente acreditavam nele. Dessa forma, com um desvio moderado, “a estilização reforma esmaecendo, apagando a forma, mas sem modificação essencial da estrutura” (SANT’ANNA, 2003, p.41).

Assim como nesses trechos escolhidos e destacados, podemos encontrar em vários outros momentos a presença de textos religiosos, da Bíblia e dos costumes católicos nos escritos de Robert de Boron. Para Bogdanow (1994, p.182), “Robert de Boron, que não estava menos imerso na teologia mística de São Bernardo do que Chrétien [...] insiste em que aqueles que lerem o ‘livro’ atentamente ‘serão por isso os melhores e sem pecado”. Dessa forma, o herói torna-se simpático aos olhos do leitor que reconhece no livro as histórias bíblicas.

De forma eficaz, por meio de uma produção intertextual de narrativa ficcional, Boron (1993) sugere um determinado comportamento para uma sociedade, comportamento baseado em sua visão do mundo, além de modificar um personagem mitológico restrito à cultura celta, para que esse se torne um personagem próximo às culturas da religião Católica.

## CONCLUSÃO

O sentimento de reconhecimento da obra é produzido por intermédio das referências utilizadas por Boron (1993), tanto referências relacionadas aos temas, como vimos em relação à oração do Credo, de eventos, quando a virgem é fecundada, quanto de personagens, como o momento em que Merlim se entrega aos seus captadores ou ainda quando se transfigura em outra pessoa. Todos

essas aproximações e esses desvios estão presentes na obra e se valem de um objetivo, como visto anteriormente, o de catequizar, fazendo com que seus leitores se mantivessem distantes do pecado e próximos do cristianismo.

Por meio das teorias apresentadas, principalmente a de Genette (2010) e de Sant'Anna (2003), percebemos e discutimos a intertextualidade presente na produção desta obra literária, explanando as razões para tal uso. Notamos, com isso, que Boron parte de uma lenda celta, de um personagem conhecido pela população da época, e acrescenta características cristãs à história.

Aqueles que deviam se converter e seguir a religião dominante acabavam por identificar os vestígios de seus antigos costumes. Essa identificação podendo facilitar a conversão e a catequização desse povo, uma das ações exigidas ao autor que era clérigo. Da mesma forma, um leitor que conhece a história cristã de Jesus, ao ler o livro *Merlim*, constata seus conhecimentos, enquanto que aqueles que creem na religião também reconhecem a sua crença.

Essa identificação provocada pela escrita do autor, que modificou o personagem mítico para torná-lo quase humano e desmistificar o druidismo, ao mesmo tempo que impõe uma nova religião, fez com que Merlim fosse mantido nas histórias produzidas após a Idade Média, mantendo-se nas histórias arturianas escritas após sua época.

Concluimos, dessa maneira, que a intertextualidade, recurso empregado no texto literário, pode claramente servir para diversas razões, sendo, neste caso, utilizada na produção temática, composicional e de estilo por razões políticas, afinal o autor se vale

do artifício para incutir um novo modo de pensar em um povo. Nos dias de hoje, notamos que ele conta com o recurso intertextual para aproximar dois credos e duas culturas, criando, assim, um novo personagem e uma nova história que está presente no universo mítico, fantástico e maravilhoso até os tempos modernos.

## REFERÊNCIA

- A BÍBLIA DE JERUSALÉM (1985). Português. São Paulo: Paulus Editora, Brasil.
- ARDREY, Adam (2010). *Em busca de Merlim*. Rafael Aragon Guerra (Trad.). Rio de Janeiro: Record.
- BERVEGLIERI, Sônia (2016). *Do filme ao livro: as relações intertextuais entre o filme O Diário de Bridget Jones e o livro Orgulho e Preconceito*. Maringá - PR. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Maringá, 2016. In <http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/sberveglieri.pdf> Acesso em 02.Jun.2018.
- BOGDANOW, Fanni (1994). O graal, Arthur e Merlim segundo Robert de Boron. In *Revista USP*. São Paulo, 21, 179-197.
- BORGES, Maria do Carmo Faustino (2011). O maravilhoso Cristão em *A Canção de Rolando*. X Jornada de Estudos Antigos e Medievais. *Anais*. Maringá, p.1-13.
- BORON, Robert de (1993). *Merlim..* Heitor Megale (Trad.). Rio de Janeiro: Imago Ed.
- CASANOVA, Humberto; STAM, Jeff. *El credo Apostólico*. Exerton B. (Trad.). Tokashiki Grad Rapids. In [http://www.monergismo.com/textos/credos/introducao\\_credos\\_apostolico.htm](http://www.monergismo.com/textos/credos/introducao_credos_apostolico.htm). Acesso em 02.Jun.2018.
- GENETTE, Gérard (2010). *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Belo Horizonte: Edições Viva Voz.
- HUTCHEON, Linda (2011). *Uma teoria da adaptação*. André Cechinel (Trad.). Florianópolis: Editora da UFSC.
- LAWRENCE-MATHERS, Anne (2012). *True History of Merlin the Magician*. New Haven and London: Yale University Press.
- PEREIRA, Armando de Sousa (2001-2002). Motivos bíblicos na historiografia de Santa Cruz de Coimbra dos finais do Século XII. *Lusitana Sacra*, 2ª série, 13-14,

p.315-336. In [https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4415/1/LS\\_S2\\_13-14\\_ArmandoSPereira .pdf](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4415/1/LS_S2_13-14_ArmandoSPereira.pdf) Acesso em 02.Jun.2018.

PERRONE-MOISÉS, Leyla (1978). Crítica e Intertextualidade. In: *Texto, Crítica, Escritura*. São Paulo: Ática.

RÖHRIG, Adriana (2012). As intertextualidades em Videiras de Cristal: enfocando as paródias. *Revista Trama*, 8(15), 11-25.

SANT'ANNA, Affonso Romano de (2003). *Paródia, Paráfrase & Cia*. São Paulo: Editora Ática.